

Mais catarinenses são mães

Santa Catarina é segundo Estado em percentual de mães, segundo pesquisa do Centro de Políticas Sociais, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ao todo, 64,18% das mulheres catarinenses optaram pela maternidade, acima da média nacional, que é de 60,89%. Perde apenas para Mato Grosso do Sul, com 64,51%. Na outra ponta, o Estado é o sétimo com menor índice de filhos por mãe (2,98).

A4

Leticia Gloria

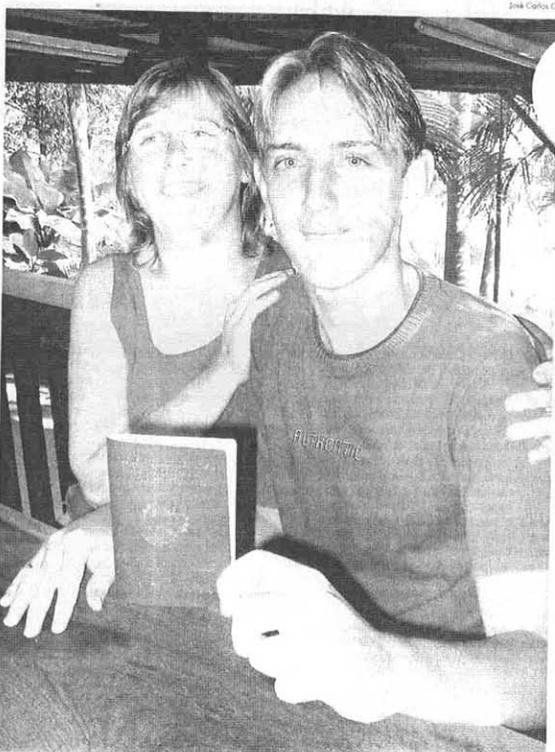


VOCAÇÃO Eva Silva teve dez filhos de parto normal

SC tem mais MÃES e menos FILHOS

Mulher catarinense mostra vocação natural para maternidade, mas controla melhor sua prole, aponta FGV

ALINE MACHADO PARODI



REGINA HACHBACHT, de Pomerode, planejou cuidadosamente os dois filhos

Maternidade responsável em Pomerode

Pomerode — O planejamento familiar e a maternidade responsável proporcionaram a vida tranquila para a moradora de Pomerode Regina Hachbacht Weiss, 43 anos. Tudo foi cuidadosamente pensado desde o tempo de namoro com o atual marido, o torneiro-mecânico Silvério Weiss, 38 anos. Ela trabalhava como auxiliar de montagem em uma fábrica de brinquedos de Pomerode e o ajudou a construir a casa antes de se casarem. Depois de mobiliada a casa, decidiram ter o primeiro filho, Diogo, hoje com 16 anos. "Trabalhei até os oito meses de gravidez e depois parei definitivamente", observou a mãe, que teve ainda uma menina, Débora, de 13 anos. "E por aí paramos porque não adianta colocar filho no mundo se não temos condições de sustentá-los, dar saúde e educação. Cada mãe deve ter consciência de quantos filhos pode ter", defende. Seu maior desafio agora é ver seu filho empregado, "coisa que está difícil aqui em Pomerode, mais uma razão para se pensar duas vezes antes de se ter um filho", observa.

Diogo está cursando o segundo ano do ensino médio na Escola Estadual José Bonifácio e não tem intenção de fazer faculdade. Em sua opinião, curso superior não é sinônimo de emprego garantido. "Mas ele não tem necessidade urgente do emprego porque vivemos bem com o salário do meu marido", observa Regina para quem vem uma família com dois filhos está de bom tamanho. A menina Débora cursa a sétima série do ensino fundamental. Ela também leva uma vida tranquila em uma família que foi minuciosamente planejada desde o início.

Para o secretário de Saúde e Assistência Social do município, Hamilton Petito, não existe nenhum segredo que faz de Pomerode uma cidade com o mais baixo índice de filhos por mulher no Estado, de acordo com a FGV. "Apenas procuramos conduzir o Programa da Saúde da Família (PSF) com muita motivação", observa. "Nas palestras, abordamos, entre outras coisas, o controle da natalidade", conclui Petito. (José Carlos Góes, especial para AN)

Joinville — A mulher catarinense parece ter uma vocação natural para ser mãe. Pelo menos é o que mostra uma pesquisa divulgada pelo Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A pesquisa aponta que Santa Catarina é o segundo Estado em percentual de mães. Representa 64,18% das mulheres catarinenses, acima da média nacional, que é de 60,89% e perde apenas para Mato Grosso do Sul, com 64,51%.

Em contrapartida, o Estado é o sétimo com menor índice de filhos por mães (2,98). O estudo também revela que os municípios onde o índice de desenvolvimento humano (IDH) é melhor, as mulheres têm menos filhos e a renda média dessas mães é maior. O levantamento "Perfil das mães brasileiras" foi baseado em dados estatísticos — mais atualizados que a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 2003 e dos últimos censos.

A pesquisa aponta que em 2003 existiam cerca de 46 milhões de mães no Brasil, ou seja, 62% da população feminina com mais de dez anos de idade. Cada mãe tem, em média, 3,02 filhos ainda vivos, sendo 1,69 morando em casa e 1,33 morando fora de casa. O número de filhos homens em casa supera ao das filhas (0,88 contra 0,81), o que mostra que as mulheres constituem família mais cedo.

Em 30 anos, o número de mães brasileiras saltou de 16,5 milhões (1970) para 42,6 milhões (2000). Já o número de nascidos vivos caiu de 3,18 para 2,12 nesse intervalo. A taxa de maternidade subiu de 49,32% para 60,89%. O município brasileiro com menor número de filhos (1,4) por mulher é Santos (SP), seguido de Niterói (RJ) e São Caetano (SP). Os pesquisadores avaliam que a relação número de filhos por mães está ligado ao IDH e que em municípios onde há alto percentual de mães existe alto benefício sociais, como maior frequência e aproveitamento escolar, baixa mortalidade infantil.

O problema das regiões pobres é o elevado número de filhos por mães, que compromete a qualidade da criação dos filhos. "A pesquisa mostra que quanto maior o número de filhos por mulher, mais pobre ela é e leva os filhos a serem pobres no futuro. A falta de recursos financeiros vai comprometer a qualidade da educação e isso gera um ciclo vicioso", afirmou Marcelo Neri, coordenador da pesquisa. Por outro lado, o estudo revela que em sociedades com uma alta taxa de maternidade — mulheres mais —, os indicadores sociais são melhores.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Pomerode, cidade catarinense no Vale do Itajaí, tem a menor média de filhos por mães do Estado (2,44) e ocupa a 14ª posição no IDH catarinense. O mesmo ocorre com Balneário Camboriú (2,58 filhos), que está em 2º lugar no IDH. Blumenau (2,58) aparece em 5ª colocação; Florianópolis (2,64) em 1º lugar e Timbó (2,66) na 10ª posição no IDH.

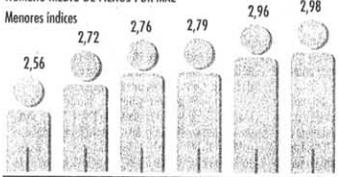
Já na outra ponta da tabela aparece o município de Princesa, no Extremo-oeste catarinense. Ele tem a maior taxa de filhos por mães em Santa Catarina. São 4,42 filhos. Princesa aparece em 261ª lugar no IDH. Santa Terezinha (4,3), Presidente Nereu (4,22), Celso Ramos (4,19) e Angelina (4,08) estão, respectivamente, nas 270ª, 204ª, 235ª e 227ª posição no IDH. A renda média das mulheres com menos filhos é maior do que aquelas com maior número de rebentos. Enquanto em Pomerode a renda é R\$ 474,55; em Princesa a mulher/mãe ganha em média R\$ 99,34.

O Estado figura como o segundo com a maior taxa de maternidade, mas é o sétimo em número de filhos. "A maternidade em Santa Catarina é algo muito forte. Estamos estudando uma conjectura que leva a analisar que poucos filhos por mães, mas muitas mães é um bom sinal de desenvolvimento social. Mas os resultados de Florianópolis nos surpreendeu. O Estado está em segundo no número de mães e a Capital aparece em 3º lugar no ranking estadual", comentou Neri.

PERFIL

Principais conclusões do estudo sobre a mulher

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS POR MÃE



EM SC

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS POR MÃE



PERCENTUAL DE MÃES

MEIA NACIONAL 60,89%

Mato Grosso do Sul 64,51%

Santa Catarina 64,18%

Rio Grande do Sul 64,09%

Goiás 63,85%

Paraná 63,83%

Os cinco municípios catarinenses com menor índice

Santa Terezinha 58,25%

Morro Grande 58,86%

Florianópolis 58,9%

Vargem 59%

Balneário Camboriú 59,93%

Os cinco municípios catarinenses com maior índice

São Bonifácio 73,87%

Barra Bonita 73,14%

Cunhatati 71,86%

Jupiá 71,82%

Formosa do Sul 71,56%

FONTE: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS



Agricultora **EVA SILVA** contribuiu, e muito, para que o município de Princesa atingisse o maior índice de filhos por mãe: 4,42

39 anos com dez bocas para sustentar

Princesa — A agricultora Eva Flores da Silva, 39 anos, é uma das mulheres de Princesa, no Extremo-oeste do Estado, que contribuiu e muito para que o município alcançasse o maior índice de filhos por mãe (4,42) de Santa Catarina. Eva teve dez filhos, nove do seu marido, Valdomiro Machado da Silva, 43 anos, e um do companheiro anterior, aos 17 anos. E a prole pode aumentar. Valdomiro fez uma vasectomia quando chegaram ao oitavo filho, mas mesmo assim ainda engravidou a mulher mais uma vez e a criança hoje está com um ano e três meses. A operação, feita pelo Sistema Único da Saúde, pode não ser funcionada. Ela, entretanto, diz que o casal não quer mais filhos, mas admite que não usa nenhum método contraceptivo. "O posto de saú-

de é muito distante e dá muito trabalho ir até", desculpa-se.

O casal mora numa pequena propriedade agrícola distante cerca de cinco quilômetros do centro da cidade, de apenas 2.608 habitantes. Destes, 90% reside na zona rural. Vivem na pequena casa de madeira o casal e os filhos Janir, 15 anos, Jelson, 14, Jandréia, 13, Janice, 11, Jéssica, 8, Jardel, 5, Jacó, 3, e Jackson, com 1 ano e três meses. Moram fora, no Rio Grande do Sul, Jair, 22 anos, com quem já tem uma filha) e Jailson, com 16 anos. Com exceção de Jackson e Jacó, todas as crianças estão na escola. Ela recebe auxílio do Bolsa-escola, o que dá R\$ 30,00 por mês.

Eva teve todos os filhos de parto normal, sendo três em casa, com parteira, e todos nasceram com saúde perfeita. Ela admite que nunca fez pré-natal e que só vai ao médico quando a situação é muito grave. Eva se diz uma mulher feliz e dá graças a Deus pelos filhos terem nascido com saúde. Para ela, isso é o mais importante. O fato de ter tido dez crianças, para ela, é nor-

mal. Segundo conta, veio de uma família de nove irmãos. Ela chegou do Rio Grande do Sul, da cidade de Lajeado, aos 15 anos, morou em Dionísio Cerqueira e agora está há dois anos em Princesa. A família é muito pobre. As crianças se vestem com roupas doadas, andam descalças, mas demonstram vitalidade e alegria.

Na Prefeitura, a notícia de que Princesa tem o maior índice de filhos por mãe acabou surpreendendo. Na Secretaria Municipal da Saúde, a explicação dada pelo secretário Irci José Franek é de que as famílias numerosas não são exatamente do município, mas vieram de localidades vizinhas. Ele diz também que o fenômeno ocorre mais em famílias antigas e que hoje já é difícil os casais terem tantos filhos. A Prefeitura distribui cerca de 130 anticoncepcionais por mês e 280 camisinhas gratuitamente. Assim mesmo, a cidade hoje tem registradas 19 gestantes. São cinco a seis nascimentos por mês. (Edson Fuhrmann e Leticia Glória, especial para A Notícia)